

A cura que vem das ervas

FITOTERAPIA Jardim Botânico e Secretaria de Saúde do Recife vão produzir medicamentos naturais para distribuir na rede pública

Claudia Parente
cparente@jc.com.br

Embora o uso de plantas medicinais seja tão antigo quanto a humanidade, essas ervas sempre foram vistas com desconfiança pela classe médica tradicional e até pela Igreja. Quantas mulheres não foram acusadas de bruxaria pelo Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), na Idade Média, por causa de uma simples receita de chá? Mas hoje o panorama é outro. Em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, o Jardim Botânico do Recife (JBR) vai cultivar plantas medicinais para produzir fitoterápicos que serão distribuídos gratuitamente na rede de atenção básica do município.

O projeto Farmácia Viva venceu um edital do Ministério da Saúde no fim de 2014 e garantiu cerca de R\$ 450 mil para estruturação do serviço e compra de equipamentos. “Nossa expectativa é produzir os fitoterápicos em até dois anos”, informa Tiago Ribeiro, coordenador de Políticas e Práticas Integrativas da Secretaria de Saúde do Recife. Ele esclarece que essa não é a primeira experiência da secretaria com medicamentos naturais. “Nossa unidade preconiza a assistência farmacêutica com o uso racional das plantas medicinais. Já compramos, regularmente, cinco fitoterápicos da Relação Nacional de Medicamentos do Ministério da Saúde e também oferecemos curso gratuito de fitoterapia no Centro Integrado de Saúde”, diz.

O viveiro e o laboratório serão instalados no Jardim Botânico, num espaço anexo onde funcionava a antiga Fundação CDL. Ali, os técnicos do JBR vão cultivar dez espécies de plantas medicinais. “Escolhemos ervas que atendem às principais queixas da população, como problemas respiratórios e gastrointestinais. Algumas delas atuam como anti-inflamatório ou têm ação calmante”, explica Tiago. Também foram levadas em conta as condições de solo e clima do Jardim Botânico. “Essas dez espécies são mais adequadas para área de mata atlântica”, esclarece o engenheiro agrônomo do JBR, Bruno Viana, responsável pelo plantio.

O engenheiro informa que algumas mudas já estão sendo cultivadas no viveiro do JBR, “mas serão transferidas depois para o espaço do projeto”, adianta Bruno. As espécies selecionadas foram o maracujá (*Passiflora edulis*), aroeira-da-praia (*Schinus terebinthifolius*), capim santo (*Cymbopogon citratus*), babosa (*Aloe vera*), chambá (*Justicia pectoralis*), boldo (*Plectranthus barbatus*), colônia (*Alpinia zerumbet*), alumã (*Veronia condensata*) e hortelã graúda (*Plectranthus* sp.). “Acredito que o número de espécies cultivadas pode aumentar ou algumas das selecionadas serem substituídas por outras no decorrer do projeto. Tudo vai depender da demanda e de uma possível expansão da área cultivada”, comenta Bruno.

Por enquanto, o Jardim Botânico e a Secretaria de Saúde do Recife ainda estão na fase de captação de recursos para implantar o novo viveiro e o laboratório. “Queremos montar um viveiro que seja referência. Além de cultivar as plantas medicinais, pretendemos fazer pesquisa para saber a melhor forma de produzi-las. Se precisamos de mais ou menos sol, a quantidade de água e em que estágio é melhor usá-las, por exemplo”, ressalta Zenaide Magalhães, gestora do Jardim Botânico, acrescentando que vai capacitar mão de obra para trabalhar no projeto. “É um resgate da relação do homem com a natureza.”

Por sua vez, a Secretaria de Saúde vai ministrar cursos para estimular médicos a prescrever os fitoterápicos produzidos. “Não creio que haverá resistência, pois já trabalhamos com alguns na rede e não vamos usá-los para substituir os remédios tradicionais, quando eles forem necessários”, afirma Tiago Ribeiro. “Produzir fitoterápico será muito mais barato que comprar à indústria farmacêutica.”



RESERVA
Espaço no Curado tem vários jardins

Fotos: Fernando da Hora/JC Imagem



VIVEIRO Já estão sendo cultivadas mudas de boldo, babosa, capim-santo, aroeira e hortelã num espaço provisório do Jardim Botânico. O engenheiro Bruno Viana explica que elas serão transferidas para o viveiro definitivo assim que for implantado. O projeto vai começar com dez espécies de maior demanda

Médica resgata sabedoria popular

Enquanto a Farmácia Viva não vem, já existe médico da família estimulando o cultivo de plantas medicinais na comunidade. É o caso da espanhola Cristina de Sierra, que atende na Unidade de Saúde da Família (USF) de Bola na Rede, na Guabiruba, Zona Norte do Recife, há um ano e quatro meses. Quando chegou ao Brasil – por meio do Programa Mais Médicos, do Ministério da Saúde –, ela ficou impressionada com o hábito da população de tomar remédio para qualquer incômodo. “Os moradores desse País praticamente vivem numa floresta, mas não aproveitam esse potencial”, comenta. A partir daí, começou a trabalhar para mudar essa realidade.

O primeiro passo foi propor uma parceria à direção da Escola Municipal de Bola na Rede, localizada em frente à USF, onde há uma grande área verde. “Muitas pessoas e agentes de saúde tinham conhecimento sobre ervas medicinais, mas estavam esquecendo esses saberes populares”, ressalta. Depois que a direção da escola deu aval ao projeto, Cristina entrou em contato com a farmacêutica Luciana Lima, do Centro de Práticas Integrativas Guilherme



IDEIA Cristina de Sierra viabilizou parceria da USF com uma escola pública

Abat, da Prefeitura do Recife, para ministrar um curso sobre plantas medicinais na USF do lugar, o que ocorreu de setembro a dezembro do ano passado. “Em seguida, fizemos reunião com pessoas da comunidade que conhecem ervas e com a direção da escola para dar início à horta comunitária.”

A escola já adquiriu as sementes,

mas espera verba do programa federal Mais Educação para começar o plantio. “Pretendemos envolver os alunos nessa atividade. São eles que vão cultivar as plantas”, revela Suely Fernandes, vice-diretora da escola, acrescentando que a proposta da médica “casou” bem com o projeto Jardins que a unidade se preparava para desenvolver.

Para quem sempre integrou grupos de cooperação internacional e já enfrentou desafios como atender mulheres muçulmanas em um campo de refugiados no Afeganistão ou enfrentar a fome na África, onde toda comida se resumia a leite de cabras, alimentadas com caixas de papelão, convencer a comunidade de Bola na Rede a reduzir o uso de remédios alopatícos e usar plantas medicinais para tratar problemas corriqueiros não parece uma tarefa difícil. “Precisamos estimular os médicos a prescrever produtos naturais”, acredita.

Quando a horta estiver produzindo ervas como boldo, arruda, aroeira e capim santo, entre outras espécies, os pacientes com indicação para usá-las vão receber a receita no PSF e se dirigir à escola para receber o produto. “Também pretendemos publicar uma cartilha, informando a utilidade de cada planta”, informa. Cristina defende que um País com a biodiversidade do Brasil não pode desperdiçar tanta riqueza natural. “Esse é o único lugar que eu conheço onde o Ministério da Saúde estimula e até banca projetos envolvendo plantas medicinais. É um bom exemplo para o resto do mundo”, conclui.

Sérgio Bernardo/JC Imagem

Mais na web

Veja vídeo sobre horta medicinal no www.jconline.com.br/cidades